

Pedro Cabrita Reis

António Lobo Antunes

Durante toda a minha vida nada li do que acerca de mim escreveram, exactamente pelas mesmas razões que tornam impossível escrever sobre Pedro Cabrita Reis. Um grande artista nomeia, e para quê nomear o nomeado? Trabalha com um material anterior às palavras, teoricamente impossível de transmitir em linguagem corrente, isto é, numa linguagem que não seja a sua, porque qualquer outra linguagem é uma linguagem errada. Em certa medida podem aplicar-se ao Pedro os dois primeiros versos de um soneto de Pessoa, criatura de que não sou grande admirador, mas que escreveu isto para ele

*Emissário de um rei desconhecido
eu cumpro informes instruções de Além.*

e é mais ou menos isto mas não é bem isto. Vejo o seu trabalho e vem-me à ideia uma pessoa a tentar lembrar-se de um número de telefone: 3514, não, 3614, também não, 3314, ora aí está, até que enfim, já o tenho. E a incessante procura do número certo, do único número, que pertence apenas ao Pedro e, por intermédio do Pedro, a todos nós, fascina-me na sua escrita, porque toda a criação é uma escrita, toda a criação um incitamento igual ao que Fernão Lopes põe na boca do doutor João das Regras:

- Olhai, olhai bem, mas vêde.

Tal desafio, por ser impossível comunicar de outra maneira, é uma das marcas de água de Pedro Cabrita Reis. Não conheço um trabalho seu que não exija isto e, se cumprirmos isto, encontraremos o entendimento do mundo. Pedro Cabrita Reis dá a ver, mas dá também a ouvir, a

cheirar, a tocar, a topar de súbito com a evidência da nossa nudez essencial mostrando, ao mesmo tempo, as máscaras que a cobrem. Exibe o cenário e o reverso do cenário, porque toda a pintura, ou o que lhe quiserem chamar, é igualmente uma profunda reflexão acerca da arte de pintar

(ou escrever, ou compor, tanto faz)

as cartas estão à mostra e, já que me encontro em maré de citações, veio-me à ideia Frank Sinatra a declarar “posso ter muitos defeitos mas, quando canto, sou inteiramente honesto”. Pedro Cabrita Reis pode ter muitos defeitos, espero que sim dado que nunca o amarão pelas suas qualidades, mas quando cria é inteiramente honesto, como Vermeer ou Mondrian ou Velasquez: a integridade da coisa criada é a primeira virtude de um operário de excepção. E integridade implica rigor e uma total ausência de cedências: ele toca a música que quer, ou melhor, toca a música que tem de tocar e nós, se formos capazes, dançamos como podemos o que o artista manda. Se não podemos mais vale não entrar neste jogo de aprendizagem do mundo e de nós mesmos, conduzido por um mestre implacável e feroz. A fruição desse mundo acha-se vedada aos fracos, isto é àqueles que não suportam muita sinceridade e a quem a própria condição aterroriza. A arte leva consigo uma espécie de rudeza, explicava um escritor português do século dezoito, que arreda de si os fracos de emoções, privando-os dessa espécie de aurora para os cegos da noite que Pedro Cabrita Reis lhes oferece. Outra coisa que me agrada no trabalho deste homem é a ausência de bengalas, muletas, corrimão e outros acessórios: tudo é feito com a própria carne e implica riscos que as pessoas que não se dedicam a estes ofícios desconhecem. Falo de riscos na acepção total da palavra, um empenho sempre à beira da queda e da destruição, inclusive física, de quem trouxe consigo a sina de viver em luta com o Anjo e para quem sobra o consolo de pensar

– Até agora consegui

e subir de novo para o trapézio e aprofundar o que logrou. A mim, por exemplo, aborrece-me a ideia de não viver duzentos anos mais, até atingir, da

forma que pretendo, a outra margem, ainda que sabendo ser a Arte um rio de uma margem só, no qual acabaremos, irremediavelmente, por nos afogar. Esperamos que ao desaparecer fique qualquer coisa de nós à superfície, um pedaço de madeira, duas notas, um punhado de palavras, a relativa tranquilidade interior que prolongará, num eco, a teimosa inquietação com que vivemos, no imenso orgulho humilde de ter cumprido a vida, na tal bela desordem precedida do furor poético que há mais ou menos dois mil anos o meu amigo Horácio recomendava. E, para acabar, reparem só no paradoxo disto: Pedro Cabrita Reis a estruturar um delírio e eu, feito parvo, a bordar sobre ele. O doutor João das Regras tinha razão:

- *Olhai, olhai bem mas vêde*

e aqui têm a única injunção que a sua obra necessita.

Para o Pedro,
com um abraço sem palavras tolas
António

ANTUNES, António Lobo

- *Pedro Cabrita Reis (Portuguese version)*.

ANTUNES, António Lobo; SCHWARZ, Dieter; VAN DER LEY, Sabrina; RICHTER, Markus; REIS, Pedro Cabrita – **Pedro Cabrita Reis: one after another, a few silent steps**. Ostfildern: Hatje Cantz Verlag, 2009. ISBN 978-3-7757-2558-3. p.8-9.

(english-german)